PARANÁ | ABRIL DE 2011 | EDIÇÃO 08

RelevO

Rodrigo Novaes
Daniel Zanella
Ilana Reznik
Pedro Braga
Priscila Schip
Duda Rangel
Rogers Silva

Fotos: Priscila Pacheco

Editorial

"Rembrandt: triste hospital todo cheio de ruídos".

Baudelaire,
em *As Flores do Mal*.

São translúcidos os motivos que levam um impresso recém-nascido a optar pelo preto e branco. O percurso é natural: o dispêndio de recursos exigidos é significativo, a máquina organizacional não é nem um pouco barata de manter e um periódico em P&B tem um custo de gráfica muito inferior – até que seja possível cursar novas etapas de crescimento. O processo de migração do P&B para o colorido é comum, linear. Se o departamento de publicidade cresce (ou os acordões políticos emergem), o número de páginas expande, o projeto gráfico se modifica, novas tonalidades são empregadas e o jornal assume uma nova identidade, impulsionado por um caixa mais pujante. O Relevo, assim como a maioria dos impressos em construção, não nega que utiliza o preto e branco em suas páginas por questões de custo, mas nossa militância é um pouco menos usual: não pretendemos migrar ao colorido. E temos alguns sinceros motivos pra isso. Primeiramente, nosso modesto projeto gráfico-literário surgiu como posicionamento diante do excesso de cores e pirotecnias envolvendo os jornais atuais em suas buscas tardias por 'modernidade'. Somos um jornal simples e pouco televisivo. Estamos mais para o rádio do que para portais de internet. [Quem questiona mais, afinal?] Em aberta defesa do preto e branco, acreditamos em um texto que se sustente por si, onde a cor não exploda na face do leitor, os tons de cinza e suas infinitas possibilidades artísticas a favor do que realmente importa: a letra crua, a palavra e o sentido permanecido no impresso, atemporal – onde, então, repousa toda a informação virtual de ontem? – para, quem sabe, lançar um novo olhar perante novos tempos tão céleres e desnudados. Nossas fotografias e ilustrações também são de um tempo anterior e não procuram orbitar como muletas de texto, e sim como telas mentais. [A imagem pode ter imaginação. Sabemos como é difícil.] Por fim, não almejamos construir nada além de um impresso de regularidade, identidade e auto-sustentável, embora reconheçamos que nossas ambições talvez não sejam tão pequenas: queremos produzir páginas que se estabeleçam mais por sua força e discrição do que por suas superfícies e truques. Boa leitura a todos.

"Meu Amor Tardio Por eles"

Quando minha filha completou um ano, aproveitei a história de que crianças precisam de animais e comprei um beagle, a quem dei o nome literário de Capitu e de quem, desde cedo, passei a exigir uma fidelidade eterna. Só eu trocava sua água, limpava a grama, saía pra passear.

Miguel Sanches Neto

Expediente

Edição e Diagramação: Daniel Zanella
Revisão e Direção Comercial: Kelly Knopik
Fotógrafo Responsável: Marcos Monteiro
Impressão: Gráfica Helvética
Tiragem: 2000
Edição finalizada em: 01 de abril, 20h

Contato

Jornal Relevo no Twitter: www.twitter.com/jornalrelevo
Envie suas crônicas, críticas e sugestões para jornalrelevo@gmail.com

! *O Relevo, às vezes, não se responsabiliza pelo conteúdo publicado de seus autores.*

Colaboradores

Marcos Monteiro
Cursa 3° período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica suas fotografias no endereço flickr.com/marcos_fe e textos no endereço disfim.wordpress.com

Daniel Zanella
Cursa 3° período de Jornalismo na UP. Integra algumas coletâneas por editoras independentes e publica suas crônicas no endereço letrasnumcanto.com.br

Rodrigo Novaes
Escritor e jornalista. Publicou, pela Multifoco Editora, o livro de contos "Rapsódias –Primeiras Histórias Breves" (2009), pela Mojo Books, a ficção "A saga de Lucifere", e participou das antologias "Portal Stalker", "Portal Fundação" e "Portal 2001" (org. Nelson de Oliveira). Integra o coletivo literário O Bule.

Rogers Silva
Publicou nas antologias "Retalhos" (org. Edson Rossato), "Portal Solaris", "Portal Neuromancer" e "Portal 2001" (todas organizadas por Nelson de Oliveira). Mora em Uberlândia, MG. Publica seus textos nos endereços rogerssilva-original.blogspot.com e o-bule.com

Ilana Reznik
Redatora publicitária e escritora carioca. Integra o coletivo artístico canetalentepincel.blogpost.com e publica seus contos, poemas e ideias no endereço delicadices.blogspot.com

Pedro Braga
Cursa 5° período de Jornalismo na Universidade Positivo. Publica seus textos no endereço kronikando.wordpress.com

Priscila Schip
Cursa 7° período de Jornalismo na Universidade Positivo e é editora do Lona, jornal-laboratório do curso. Publica seus textos no endereço letrastracadas.wordpress.com

Duda Rangel
Jornalista paulista. Publica seus textos no endereço desilusoesperdidas.blogspot.com

Marcelo Damm
Ilustrador carioca. Publica seus trabalhos no endereço quemnaosabeescreverdesenha.wordpress.com

Priscila Pacheco
Cineasta e fotógrafa, diretora do curta-metragem A Gente Não Quer Só Comida (2010) . Cursa 3° período de Jornalismo na Universidade Positivo.

Porque Estamos A Suicidar

Daniel Zanella

A minha casa. Aqui. Nessa rua. Nessa esquina. Nessa manhã. A minha casa. É o que existe. Somente. Seus muros. Suas paredes. Seu assoalho de madeira. Seus limites. Suas pequenas e solitárias repartições. Só a minha casa existe. O restante: contenda, semântica, literatura, mentira.

Acontece da minha casa estar vazia. Quando não estou a habitar nela. Ela também não existe. Portanto. Não. Não. Existe. A minha casa existe fora dela. Em todos os lugares que me são caros. O bar. Do outro lado rua. Noites sempre. Quando entro num bar. Busco familiaridades.

Veja:

Se a música está muito alta, reclamo. Música além dos ouvidos é como visitar a casa daquela tia. Temos que saber que lá: os movimentos nada podem quebrar. É tudo desconforto.

Se algum bêbado perturba nossa vigília de copos amigos, tenho o intento de pedir que saia. E que dependure as garrafas vazias na lixeira. E o serviço de coleta recolhe amanhã cedo. Acabo de lembrar.

Se alguma mulher caminha seus quadris diante da cobiça e delírio alheio, logo lembro a velha coleção de revistas eróticas de meu pai. Roubava as revistas de meu pai. Nunca contei. Nem ele. Algumas até hoje me acompanham.

Se o garçom quer ser nosso amigo ou aparecer às mulheres que nos acompanham, quando mal sabemos seu nome, também me lembro de casa, lá onde a porta fechada comunica, onde o carro que buzina acaba de ir embora pensando que não estou.

Ilustração: Marcelo Damm

Dia desses, achei um cadeado. Resolvi instalá-lo no portãozinho de ferro da frente de casa. Ficou bom. Ficou bonito. Olhei assim, meneando a cabeça pro lado sinistro. Tranquei e saí. À noite, quando voltei da madrugada boêmia de sábado, o aborrecimento tomou conta: não lembrei onde a chave. São muitas chaves. São muitas senhas. São muitas dessas coisas muitas. E pequenas.

Achei a chavinha, mas nunca mais tranquei o portãozinho de ferro da frente da minha casa. É fácil entrar em casa. Qualquer um que quiser pode entrar sem a minha presença. Não me importo muito, a bem da verdade. A minha casa é quase um antiquário. Só peço que não levem a escrivaninha. Uma amiga minha gosta e quer levá-la embora. Ou já levou.

A casa está acordando e ligo a vitrola, antiquário que sou.

Escute essa canção, meu amor:

Que o amor foi tanto,
E, no entanto,
Eu só penso em dizer
Vem. Eu só sei dizer
Vem. Nem que seja só
Pra dizer adeus.

Sente? Você sente isso? Vamos beber um pouco dessa beleza do sofrimento alheio.

Pergunta-me a companheira, enquanto vasculho a geladeira, quando me ponho a escrever. Nunca me viu a escrever. E se você copiar escritores que nunca li? Bem, meu amor. É algo desimportante. Isso de escrever. Mas se quer saber: estamos sempre a copiar os outros. Escrevo em casa. Mesmo quando não estou, escrevo em casa. Não é preciso o mundo pra escrever. O que precisamos do mundo é a sua tendência ao suicídio. E um pouco de tinta e papel. A gente se mata em tudo o que falta e excede. É libertário assim. Só tomemos um pouco de cuidado com os moralistas.

Lembrei. Tenho que tirar o lixo.

Uma cerveja pra começar bem o dia?

EXATO
CENTRO EDUCACIONAL
Pré-vestibular e Enem - Ensino Superior Curso Técnico
Preparatório - Graduação Pós-Graduação
Aprendizagem Empresarial e Industrial
Fone: (41) 3552-1542 / 3552-5895
Av. Dr. Victor do Amaral, 1020, 2° andar - Centro - Araucária | www.exatoeducacional.com.br | exato_cursos@brturbo.com.br

Priscila Schip

Rotina

O quarto dela cheira a incenso e suas músicas preferidas embalam os dedos. De pijama e cabelo preso ela entorna a garrafa de cerveja cada vez que os dedos cansam. Lê o que já escreveu e hora sorri, hora franze a testa.

A vida segue.

Dois Segundos

Entrou no salão com olhos atentos. Enxergou de longe, ele já estava lá, olhando os que dançavam, mas ainda sem dançar. Teve o impulso de ir até ele. Não foi.

Haviam se conhecido no dia anterior. Trocaram duas danças e algumas palavras. Existia algum mistério nele. Ele olhava nos olhos, ele dançava bolero.

Falta

Riu dela mesma.

Ao abrir o armário deu de cara com os pares de chinelo de pano. O dela e aquele que era dele.

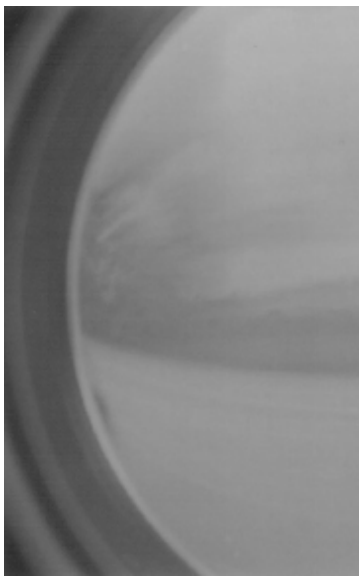
Haviam terminado há pouco tempo, não fizera frio até então, por isso ainda não havia se deparado com eles, os dois pares, juntinhos.

Sentiu falta. Não era a primeira vez

Foto: Marcos Monteiro

O Eu Que Não Me É

Pedro Braga



Você já se sentiu do seu próprio lado, analisando a si mesmo, como se você que está do lado do seu corpo real fosse outra pessoa? Não? Ah, eu já. Por diversas vezes sentei-me ao lado de mim mesmo, fiquei me olhando, me observando, assim como fazemos com os outros. É como se eu conseguisse exteriorizar minha alma, estar presente somente nela, deixando meu corpo ali. Parado. Sentado. Olho-me e fico pensando sobre o que vejo. Quem eu vejo? Será que sou eu mesmo? Às vezes é estranho. Eu meu olho, vejo-me fazendo coisas que eu reprovo, mas não consigo interferir naquela ação. Será que quando me ausento de mim mesmo, para me observar, meu corpo acaba não sendo mais eu? Certa vez isto aconteceu quando estava conversando com uma mulher, a quem me interessava muito. Fiquei entre os dois. Entre mim mesmo, e ela. Fiquei olhando para sua linda boca, seu sorriso sincero, seus olhos de oceano e, quando olhei para o lado, estava eu. Sentado, ali, olhando para ela também. Só que não com a mesma emoção minha, sentado ali, no meio dos dois. Tentei cochichar no meu ouvido, falar para fazer algo, sei lá, tomar uma atitude. Nada. Fiquei ali, com cara de bobo, só olhando para ela. Eu e eu. Os dois. Outra vez, a qual me lembro muito bem, foi quando meu chefe, com toda sua sutileza, disse que não gostou de um projeto que fiz para a empresa. Parecia um dono de açougue escorraçando um cachorro que revira seu lixo. Fiquei me observando. Tão quieto, tão passivo, tão sem atitude. Eu poderia muito bem ter levantado daquela cadeira e defendido meu trabalho. Eu, ao meu lado, berrava no meu ouvido, dando ordens de reação, e nada. Cada dia que passa vejo eu cada vez mais no piloto automático. O eu que dirige, enquanto o outro eu não presta atenção nenhuma na direção que vai, com o pensamento correndo a milhão por outras ruas, tão longe destas que anda meu carro. O eu que fica ali, sentado na frente da TV, ou do computador, enquanto o outro eu tenta sair e estar dentro da TV, fazendo parte de algo. Muitas vezes desejei não ser mais apenas eu, e sim ser, inteiramente, eu.

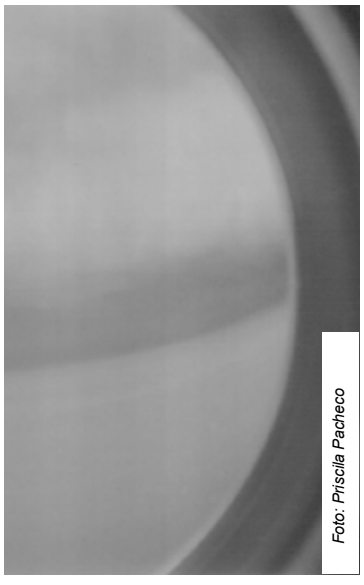


Foto: Priscila Pacheco

Quando Um Pacifista Vai À Guerra

Acesse o-bule.com

Rodrigo Novaes de Almeida

Selva!, como diz um velho e camarada amigo, ex-integrante do nosso aguerrido exército brasileiro. Bom, não era bem uma selva, mas uma mata beirando a estrada Grajaú-Jacarepaguá. Foi num sítio, tinha até riacho. E lá estava eu, com roupa camuflada, colete e máscara. Éramos dezesseis combatentes, divididos em dois grupos. Armas destravadas, primeiro assalto. Desci um barranco, atravessei o riacho e avancei em território inimigo. Avistei dois alvos e mandei bala. Logo estava recebendo rajadas de tiro. Rastejando na terra enlameada, busquei proteção, mas logo uma bala me acertou de raspão a cabeça. Puta que pariu, dói pra cacete!, pensei; estava morto, conforme a regra. Saí do campo de batalha com a arma levantada acima dos ombros e travada, gritando neutro. Foi a minha primeira experiência jogando paintball. Fiquei surpreso quando soube que o meu grupo conseguira roubar a bandeira do inimigo e vencera o primeiro assalto. A batalha seguinte foi um desastre completo. Eu estava empolgadíssimo e esqueci de destravar a arma. Logo ao me deparar com o inimigo, fui praticamente fuzilado. Praticamente porque, na verdade, não me acertaram. Fui rápido em me jogar barranco abaixo. Uma maravilha! Fugi desembestado e saí do campo de batalha para "consertar" a arma. Resolvido o problema técnico (lê-se: minha burrice), voltei. Era regra voltar até a minha bandeira para poder entrar novamente no jogo. Uma mistura de azar com descuido (de minha parte, evidentemente) fez com que um amigo meu, transformado em inimigo mortal nessa guerra de bolas de tinta, acertasse o meu traseiro. Caí no chão (já estava virando rotina) e fiquei gritando neutro bem no meio do fogo cruzado. Perdemos esta batalha. Então, antes de começar a seguinte, eu me descobri ruminando coisas do tipo: assim não dá!; que vergonha!; devo me concentrar!; preciso mostrar serviço, se não para os outros, pelo menos para mim; e o meu orgulho? Decidi mudar o meu percurso de infiltração. Desta vez, subiria a colina e ficaria de tocaia, impedindo, assim, o avanço da tropa inimiga, planejei. E, de fato, encontrei um bom esconderijo entre duas pedras. Era um buraco cheio de lama, formidável. Ali eu teria uma visão privilegiada – de cima para baixo – do campo e, dificilmente, seria visto pelos adversários. A esta altura eu já estava muito bem ambientado, um verdadeiro boina verde em selvas vietnamitas. Foi o meu melhor momento. Contive

o avanço de dois inimigos, sozinho, por tempo suficiente para vencermos o assalto. Fui rendido, é verdade, mas tarde demais (para eles). Contudo, só fui saber da nossa vitória ao chegar à base, e não tenho idéia de como conseguimos. Só sei que o meu "heroísmo" (coloquei entre aspas, mas merece também um parêntesis para dizer que heroísmo, bravura etc., para um pacifista, não merecem ser usados em um contexto de guerra)… Pois bem, nesta farsa burlesca, e somente nela, o meu "heroísmo" foi festejado (ao menos por mim), afinal de contas eu detive sozinho o avanço da tropa adversária num flanco que vinha sendo o nosso ponto fraco. O quarto e último assalto foi um teatro tragicômico de quinta categoria. O calor (Rio de Janeiro, verão, imagina isto!) dentro daquela roupa camuflada, do colete e da máscara chegou ao nível do insuportável. O desgaste físico, após pouco mais de uma hora naquela selva de beira de estrada, incrustada na cidade, era grande, e a adrenalina inicial já não sustentava a nossa força de vontade para lutar (lê-se: massacrar o inimigo, yeh!). Mas o pior mesmo era que a máscara embaçava muito e chegara ao ponto de nos transformar em combatentes, como se diz por aí, "cegos no meio de um tiroteio". Fui rendido facilmente, perdemos a nossa bandeira, mas e daí? Sem fôlego algum, a sensação era mais de alívio do que de qualquer outra coisa pelo fim do jogo. O tempo de guerra terminara. Tocaram as trombetas (não, não eram trombetas, mas poderiam ser). Voltamos à base. Lá descobri que tinha amigo fora do campo de batalha desde o segundo assalto, tinha amigo deitado dentro do riacho que em momento algum vi em campo (e era do meu grupo), entrementes, soube que ele estava possuído pelo espírito do coronel Kurtz, aquele doido varrido que o Marlon Brando representou no filme Apocalipse Now, então deixei quieto. Bebemos muita água, não antes de tirarmos aquela roupa toda do corpo. O placar da brincadeira ficou em 2 a 2, mas o leitor já deve ter contado (nenhum bicho de sete cabeças). E a única coisa que conseguíamos pensar, combalidos pela exaustão, era num bom chope gelado. Saímos do sítio, descemos a Grajaú-Jacarepaguá e voltamos para a zona sul. Paramos no Picote, um boteco tradicional no Flamengo. Bom chope gelado. Cheguei em casa, mais tarde, em frangalhos, cheio de marca roxa no corpo, feliz da vida e falando pelos cotovelos. Aquela guerra de mentirinha fora, certamente, algo catártico. Mesmo sabendo que aqueles tiros não eram tiros-de-matar-gente, e sim tinta-que-doía-um-pouco-e-deixava-marca-roxa, a experiência abre espaço para algumas considerações. A imponderabilidade de uma guerra real, qualquer guerra real, seja a travada por exércitos em lugares como Bagdá, seja a travada por policiais do Bope ali na nossa esquina, em uma das milhares de favelas da nossa cidade. Não dá para comparar um jogo, uma brincadeira, com a realidade dos tiros e das bombas que matam milhões de pessoas todos os anos. Não sei se há preparo psíquico suficiente, ou mesmo possível, para a guerra. Particularmente, fiquei imaginando como é que os caras de farda agüentam dias, semanas, meses na selva, com o inimigo e a morte à espreita. Duas horas em uma guerra de bolas de tinta já haviam me deixado completamente exausto. E só da exaustão física é possível falar. A dimensão da realidade de uma guerra é algo tão além, que, para mim, não há como abarcá-la. É, como escrevi, imponderável. Algo assim tão extremo, tão estúpido, e que sempre será estranho a um pacifista. Estranho em um sentido profundo, que faz do pacifista alguém forasteiro da insensatez, da famigerada estupidez humana. É o que o leva a dizer: mandar uma pessoa à guerra deve ser crime, o mais nefasto crime contra a humanidade.

Dessintonia Fina

Duda Rangel

o fotógrafo senta no banco da frente do carro o repórter se ajeita na parte de trás o motorista pergunta onde é a pauta o fotógrafo abre a boca de sono o repórter explica o caminho da pauta o motorista começa a correr o fotógrafo sorri o repórter pede cuidado pro motorista o motorista não respeita as leis de trânsito o fotógrafo acende o cigarro o repórter não gosta de cigarro o motorista reclama da fumaça o fotógrafo reclama do trânsito o repórter manda o fotógrafo apagar o cigarro o fotógrafo chama o repórter de viado o motorista começa a fazer fofocas da redação o repórter gosta das fofocas da redação o motorista diz que a maria da fotografia dá pro joão da diagramação o fotógrafo não gosta de saber que a maria da fotografia dá pro joão da diagramação o repórter pergunta se a maria da fotografia não dá pro leal da geral o fotógrafo apaga o cigarro o motorista responde que o leal da geral pega a lia da economia o fotógrafo não gosta das fofocas da redação o motorista liga o rádio o motorista gosta de pagode o fotógrafo gosta de blues o repórter não gosta de pagode nem de blues o fotógrafo desliga o rádio o repórter pede pro motorista ligar o ar-condicionado o fotógrafo não gosta de ar-condicionado o motorista levanta os vidros escuros o fotógrafo não gosta dos vidros escuros o repórter manda o fotógrafo pra merda o fotógrafo abaixa os vidros escuros o motorista desliga o ar-condicionado o fotógrafo gosta de flagrar as cenas da cidade o motorista gosta de flagrar o vaivém das moças o repórter reclama do calor o motorista reclama da falta do pagode o fotógrafo reclama da falta do cigarro o motorista pergunta se a pauta é rápida o repórter diz que a pauta não é rápida o motorista diz que vai aproveitar para visitar uma amiga o repórter diz que o motorista não vai visitar porra nenhuma de amiga o fotógrafo lembra que vai ter almoço na pauta o motorista pede então pro repórter pra ficar no almoço o repórter não gosta que o motorista fique no almoço o fotógrafo diz que uma boca a mais não vai fazer diferença o repórter promete falar com o assessor sobre o almoço do motorista o motorista fica todo satisfeito o motorista gosta de boca-livre o fotógrafo também gosta de boca-livre o repórter gosta de boca-livre mais do que o motorista e o fotógrafo juntos

Foto: Marcos Monteiro

As (Imperfeições) do Nosso Amor

Rogers Silva

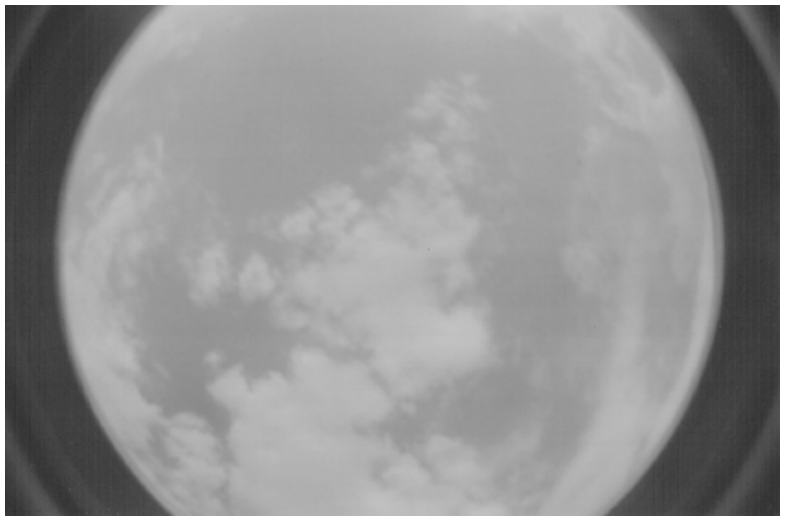
Foto: Priscila Pacheco

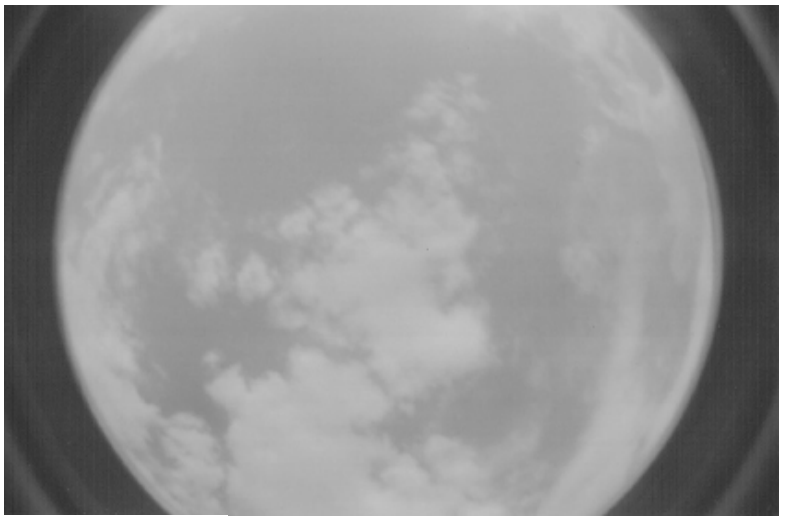
Seu amor me faz mal, Jalousie (sempre odiei seu nome, achava meio feminino). Anulou o que mais de essencial e prazeroso a vida pode (e pôde, antes de você) me oferecer. Sim, são reclamações, à altura dos instantes (e instante é tudo) que me fez perder. E ganhar, porque com você instantes de companheirismo e amizade eu pude (como não conhecera antes) ter. Você me faz falta, Jalousie. Três dias são o bastante para a dor entrar, e corroer. Três dias foram o máximo (em vinte e três anos) que ficamos longe um do outro. A falta que você me faz é semelhante ao mal que você me faz. A falta – a que fui obrigado a render – dói. A falta, a ausência doem, meu Cego-luz (prefiro assim). Com você, a falta do sublime, do transcendental. Sem você, a falta de você. Tudo é ausência. Como me acostumar a um mundo onde tudo é ausência? Com você (porque você insiste em não querer transgredir), a mesmice, enfim. Seu amor é pouco: não se entrega. Às vezes, preferiria que fosse uma paixão ardente, passageira, mas sublime, feita de instantes intensos e inesquecíveis. Seu amor é muito, e bonito: não consegue ficar sem mim. Seu amor é estranho, Jalousie. Está sempre adiando. Um dia (um dia em que não estarei) vai perceber que o amanhã não existe. Seu medo é maior que seu amor. Suas convicções são maiores (muito maiores) que seu amor. Seus preconceitos. Porém, seu amor me faz bem, Jalousie. Me trouxe calma e segurança num mundo outrora caótico, o mundo meu. Seu amor, meu Cego-luz, me faz muito bem: me fez enxergar beleza na rotina, no banal. Seu amor é banal. Tão banal quanto as tradições a que dá tanto valor. Tão banal quanto as leis e leis que tentam sufocar o amor (o intenso), e possíveis e infinitas concretizações desse amor. Seu amor é bonito, Jalousie. Um amor que suporta e perdoa e esquece tão facilmente. Um amor bonito, que acredita no renovar espontâneo do amor. Um amor ingênuo, abstrato, ainda livre da crueza do mundo. Livre das corrupções do mundo. Da crueldade do mundo. Livre. Seu amor é estranho, meu Cego-luz. Conforma-se com pouco. Conforma-se, às vezes, com o nada, e o nada me angustia. Com esse amor ganhamos força para enfrentar (juntos ou separados) o futuro. Mas perdemos o instante. Estamos sempre adiando o amor para um futuro, um futuro que não virá. O amanhã não existe. Com você passei a valorizar o dia-a-dia. Por outro lado, me afastei da magia. Aprendi, com você, a enxergar magia onde magia não havia. Mas anulei minhas fantasias, as grandes (que provavelmente nunca seriam realizadas). Com você, a esperança. Com você, a falta (tempos em tempos ela morre) de esperança. Jalousie, me faz bem o seu amor. Faz tão bem que assassinei os "amores (inventados) da minha vida". Pois você (sem eu ou você querer) se tornou o amor da minha vida. Não precisei mais viver de fantasias: você se tornou minha fantasia diária. Seu amor, porém, não excede: está sempre normal. É preciso deixá-lo por si só exceder, pois é no excesso que surgem a beleza e a felicidade extrema. Seu amor adia: não é um amor que valoriza o presente. Seu amor é desprendido. Seu amor é premeditado: vem ao meu encontro com a intensidade contada. Hoje, tanto. Amanhã, tanto. Seu amor é medroso: tem medo de mim. Tem medo de se aumentar. Tem medo da solidão e do abandono. Seu amor é covarde. É forte, pois não necessita de magia. Necessita, tão-somente, de se saber amado. Se tem dúvidas, chora. Se tem certeza, se fortalece, e se recupera. Seu amor é forte: me suporta. Seu amor é forte: está arraigado às suas convicções que nunca lhe trouxeram vida. Apenas segurança. Jalousie, com você eu posso dançar ou não dançar. Fazer ou não fazer. Com você não tenho vergonha de ser apenas eu. Com você posso andar descalça e não me constranger, pois a sua humildade me traz serenidade, e segurança. Me sinto segura com você: posso fechar os olhos. Me sinto fortalecida com você: enquanto estamos juntos, caminhamos juntos, sempre de mãos dadas. É, meu Cego-luz, a minha fortaleza: sempre espero (com razão) de você: "Eis o meu apoio". Um amor pueril, de menino que não sabe nada da vida. Nem do amor. Um amor a la Jalousie, frio e forte. Um amor que necessita de manual de instruções: faça isso, faça aquilo. Não tem o encanto da audácia e da descoberta. É covarde, pois é insosso. É forte, pois perdura apesar dos espinhos do dia-a-dia. É um amor simples, despretensioso, que dá valor no pastel de todas as sextas-feiras. Dá valor no almoço de domingo juntos. Dá valor no encontro marcado. Porém desvaloriza e subestima a saudade: tem medo da distância, pois viciamos um no outro. Vicio só é vício quando se torna necessidade: temos necessidade diária um do outro. Seu amor é grande: nasceu grande, do tamanho da vida, tanto que a entregou a mim (está guardada aqui, na caixinha de anéis, protegida por minhas mãos. Vou levá-la comigo). Seu amor é paciente. Jalousie, seu amor subsiste aos meus ataques de fêmea ferida. Seu amor é maior do que minhas chantagens. Seu amor não se excede: não grita, mas chora quando há dor. Seu amor suporta, pacientemente, a dor. Seu amor é como sua beleza: constante, imutável. É impalpável: não tem como pegá-lo. Você, assim como seu amor, é admirável: não pela grandeza, mas pela simplicidade (em que há grandeza). Em seu rosto, como em seu amor, não há mau humor: está sempre disposto a sorrir, inclusive por entre as lágrimas e apesar de não poder admirar a beleza de uma flor. Seu amor é flexível, disposto a aprender, mas aprende devagar e despreocupadamente. Seu amor é inflexível, pois as aprendizagens nunca são concretizadas: espera por um momento que não virá. Nunca virá: o amanhã não existe. O que os outros pensam e falam é maior que seu amor. Acostumou-se a viver assim: tenso, preso, preocupado com as manifestações do seu amor. E por isso as manifestações do seu amor são poucas, quase inexistentes. Mas são muitas, a seu ver, e isso é tudo. Infelizmente é tudo para você, não para mim.

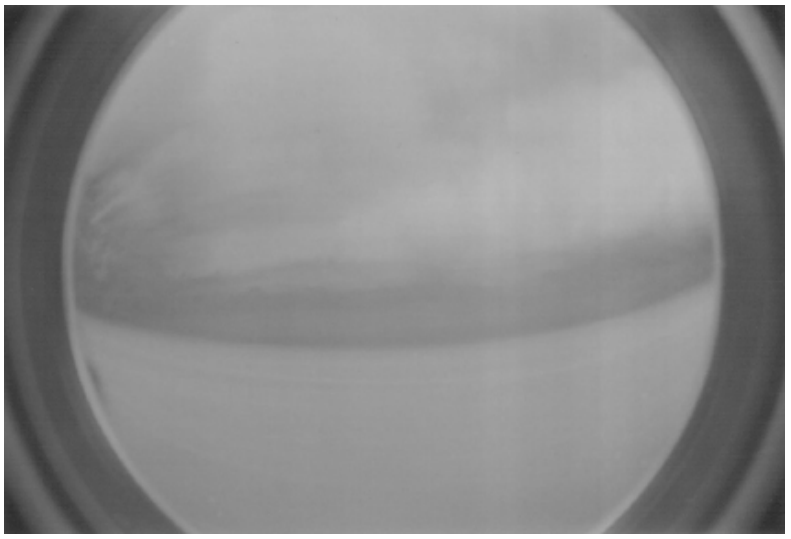
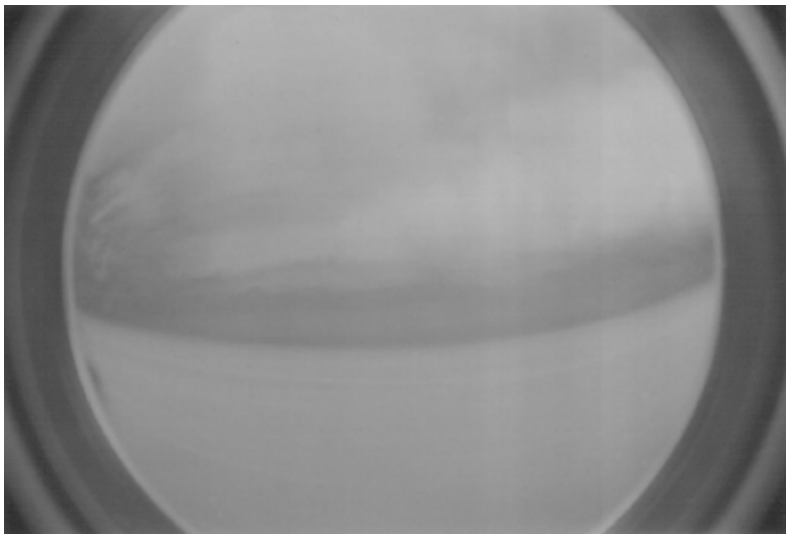
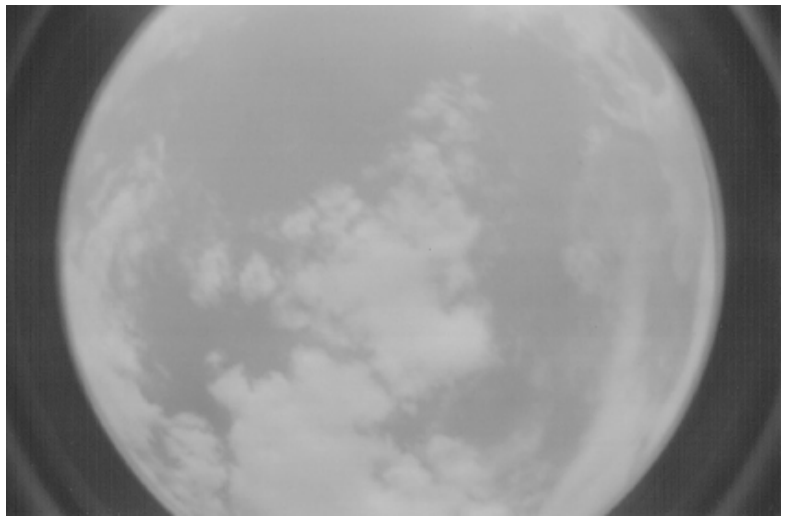
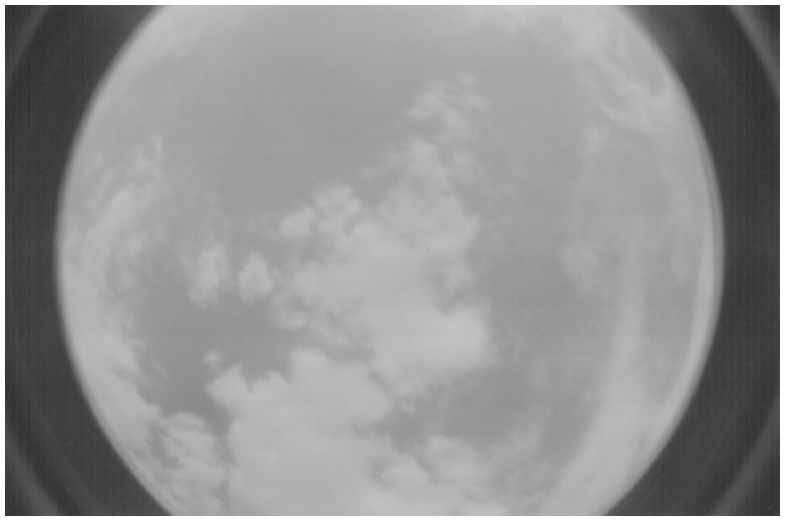
De alguém que não pretende mais voltar,
Dona.

Um Novo Planeta

Ilana Reznik





Fotos: Priscila Pacheco

Um dia, daqui a 20 ou 200 anos, daqui a 7 ou 8 luas, daqui a 1 ou 2 Eras de Aquário ou Peixes, eu não sei, descobrirão um novo planeta e você vai ouvir e olhar imediatamente para cima. Porque da mesma forma que você coloca a mão sobre o estômago quando sente fome, coloca os olhos para o alto quando ouve planetas. Então serão 10, porque eu nunca desconsiderei Plutão, achei covardia demais dizer a um planeta que ele perdeu a sua função depois de tanto tempo ilustrando mapas astrais, garantindo a sua personalidade subversiva e conturbando a sua vida amorosa, especialmente quando estava na casa 7. Serão 10 ou serão 9,5? Não chegará a ser um asteróide onde habitará um príncipe e uma rosa, mas ainda será bem pequeno, um micro corpo celeste orbitando restos estelares, com massa suficiente para girar em torno do seu próprio eixo, sem causar uma fusão termonuclear - ainda bem. Um dia você estará ouvindo o rádio ou qualquer outro meio de comunicação que envie notícias relevantes à grande população mundial e receberá a seguinte informação: foi descoberto um novo planeta. E o mais importante: você foi convidado para povoá-lo. "Mas que convite!", você pensará. Sem direito a portar grandes volumes, apenas levando o que você considera mais necessário para a função de reproduzir uma espécie, em um lugar de clima absolutamente tropical, com picos de 72 graus Celsius e vegetação semi nula. Um desafio, é claro, mas você foi o escolhido, entre 6, 5 ou 14 bilhões de pessoas, e deve se orgulhar disso. Comece a pensar no que você irá levar. Comece a avisar as pessoas. Um dia, irão descobrir um novo planeta ou um novo lugar para estar quando não se cabe mais por aqui.